



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Departamento Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural



Curso de Especialização em Direitos Humanos e Saúde (2022)

Módulo: Construção do SUS – a expressão de um desejo

Professores: Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos e Rosangela Gaze

Especializando: Carlos Inácio dos Santos Sobrinho

As implicações da “*violência nossa de cada dia*” para a Psicologia

SOBRE A AUTORA Marcia Cristina Hizim Pelá

Possui Graduação em Pedagogia e Geografia. Mestrado, Doutorado e Pós Doutorado em Geografia na área de concentração Natureza e Produção do Espaço, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é docente do ensino superior no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Secretária Adjunta Regional da SBPC-GO (2021-2023), presidente da ONG - Cultura, Cidade e Arte, coordenadora do Poli(S)íntese: grupo transdisciplinar de estudos e pesquisa em educação e cidades e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira). Desenvolve pesquisas transdisciplinares em temáticas voltadas à Geografia Urbana, a Educação, Saúde e Ambiente e Gênero, mais especificamente sobre as relações de poderes no processo de criação, planejamento e ocupação das cidades e na incidência das práticas socioculturais na formação e disputas territoriais.

1. RESUMO DO ARTIGO “A violência nossa de cada dia” (Coluna Opinião, Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador, 09/06/22)

O artigo discute sobre as narrativas midiáticas de violência e violação dos direitos humanos, tendo como questão central averiguar quais estratégias são usadas para garantir a naturalização dessa perversa lógica.

2. RESENHA SOBRE O ARTIGO

Nada acontece por acaso, assim como pessoas não entram em nossa vida aleatoriamente. Abrimos a porta e permitimos a entrada para quem sentimos conforto e segurança. Dessa forma, o encontro com Marcia Cristina Hizim Pelá em “A violência nossa de cada dia”, diga-se de passagem, curto e direto, porém indigesto, deu-se pela necessidade de discutir a naturalização da violência, manipulada como prática de dominação, camuflada na sociedade, que traz consigo uma ideologia de desigualdade para manter o sistema funcionando.

A princípio, chamou-me atenção a escolha inteligente do título, que faz, direta ou indiretamente, referência à frase “Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia”, de caráter religioso dentro do modelo de oração, “A oração do Pai Nosso”, que os cristãos acreditam que Jesus ensinou sobre como orar, evocando que o sustento depende de Deus e somente Ele pode nos dar o pão diário. Nisso, basta, a cada dia, o seu mal e não há nada que eu ou você possamos fazer em relação ao que há de acontecer.

A partir desse argumento, não seria exagero afirmar que a violência estaria inserida como elemento do “pão de cada dia”, algo inevitável, parte da sociedade, sempre existiu, sempre existirá, não há meios para saná-la, não cabe questionar, apenas aceitar, logo precisamos recorrer a um ser superior, pois humanamente é impossível por um fim.

Entretanto, esse não é o lugar de Pelá, que diante de toda violência que atravessa a vida, violência de gênero e feminicídio, compartilha o seu exercício (diário) de “*se distanciar dos noticiários, principalmente os da mídia social*”, expressando que narrativas pensadas e executadas na mídia possuem interesses manipulados por grupos sociais de poder, com intuito de apresentar informações da forma que lhes for conveniente, levando a população a reproduzi-las sem perceber. Esse fato interfere diretamente na qualidade de vida da população.

Por falar em qualidade, a qualidade das discussões na mídia social se mantém sempre na superfície, criando narrativas centradas no embate bem versus mal, sem contudo fazer um debate estrutural. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história, tornando a violência organizada, legitimada e institucionalizada pelas classes dominantes como forma de poder que atua sobre os indivíduos.

Violência esta que toma cada vez mais conta das cidades fazendo de nós um país violento com as mulheres, as crianças, os idosos, a população negra, a população LGBTQIA+, a população indígena. Um país com a quinta maior taxa de assassinatos de mulheres do mundo, de acordo com o Mapa da Violência de 2015.

Não satisfeita, Pelá aprofunda a discussão sobre as narrativas midiáticas de violência e violação dos direitos humanos situando-as como “*estratégia de minar a subjetividade, a força para a luta e a esperança dos que são oprimidos por esse sistema doentio e injusto*”. Agora entendemos porque todas as opressões causam sofrimento, tristeza, desistência de viver. No caso da violência de gênero e feminicídio, não se pensa sobre os instrumentos (objetivos e subjetivos) que geram a opressão contra a mulher, atravessando o seu corpo e a sua subjetividade.

Não só isso, ela aponta que toda essa narrativa, vista sempre numa dimensão plural, já que o mundo é percepção, narrativa, é “*um ato perverso de alienação que cria, por meio de*

mensagens subliminares, a falaciosa ideia de que a luta do oprimido contra o opressor é um ato criminoso”.

A mim, cabe pensar sobre as implicações dessas realidades para a Psicologia, sobre o que temos a ver com isso e como podemos contribuir para o enfrentamento da violência nossa de cada dia. Afinal, como enfrentar um monstro desse tamanho? A nossa prática é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas.

Por fim, temos em “*A violência nossa de cada dia*” uma escrita inteligente, provocativa, num assunto complexo que não se esgota em um par de parágrafos, e um convite para que a gente possa se movimentar dentro dessa estrutura e mostrar que há muito a ser feito em relação a violência nossa de cada dia começando por desnaturalizá-la, dar visibilidade e fazer acontecer as políticas públicas.

“A violência nossa de cada dia” - Leia o texto completo [aqui...](#)